

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIV nº 1484 | 29/07/2019 a 04/08/2019

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

EXCELÊNCIA

AGRO DO PR EM TERRAS PARAGUAIAS

Com conhecimento e trabalho,
produtores paranaenses revolucionam
agropecuária no país vizinho



sistemafaep.org.br

Aos leitores

A imensa maioria dos brasileiros tem uma imagem deturpada do Paraguai. Muitas pessoas consideram que aquela situação desordenada (para não utilizar outro adjetivo) existente nos 500 metros após a Ponte da Amizade, responsável pela ligação dos dois países, traduz o território paraguaio. Esse é um ledão engano!

Na última década, o Paraguai passou por uma transformação severa, que colocou o país no patamar de referência do continente. Hoje, o crescimento econômico paraguaio desperta inveja em muitas nações. O modelo de gestão governamental e a segurança jurídica têm atraído diversas empresas internacionais, inclusive brasileiras.

Esse cenário positivo tem como principal pilar o agronegócio. Mas é impossível falar da agropecuária paraguaia sem remeter aos produtores paranaenses, como mostra a matéria de capa deste Boletim. O setor tem imprimido um ritmo acelerado, permitindo que o país se destaque em algumas atividades. Hoje, o Paraguai é o quarto maior produtor de soja do mundo e o décimo exportador de carne bovina. Tudo isso e muito mais passam pelas mãos dos paranaenses, que há décadas fixaram endereço por lá e, com técnica, conhecimento e trabalho, estão colaborando para o desenvolvimento e crescimento do país vizinho.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Ivo Pierin Júnior, Valdemar da Silva Melato e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcântara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Robson Vilalba e William Goldbach **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1484:

Fernando Santos, Roberto Lemos, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

EXPERTISE PARANAENSE

Com conhecimento e trabalho, produtores rurais do Paraná contribuem para o desenvolvimento da agropecuária do Paraguai

PÁG. 10

MEIO AMBIENTE

Autoridades prometem agilidade na liberação de licenças ambientais e soluções a outros impasses

Pág. 4

DEFESA SANITÁRIA

Com sistema robusto e consolidado, Paraná se torna referência para outros Estados

Pág. 8

JAA

Dissertação de mestrado aponta os resultados do programa do SENAR-PR na vida dos egressos

Pág. 20

DOENÇA NO REBANHO

Baixa temperatura forma ambiente propício para o aumento dos casos de problemas respiratórios nos bovinos

Pág. 22

MILHO

Com possibilidade de safra recorde, produtores do Paraná apostam em cenário de bons preços do cereal

Pág. 24

Paraná pode perder cliente bilionário com impasse

Irã ameaça romper com o Brasil por Petrobras não abastecer navios parados em Paranaguá. FAEP se opõe ao embargo



Por Antonio C. Senkovski

O Paraná está ameaçado de perder o seu terceiro maior comprador de produtos do agronegócio. O Irã foi responsável por injetar no agro estadual quase R\$ 900 milhões no primeiro semestre de 2019 – resultado inferior apenas à China e aos Estados Unidos. Para se ter ideia da importância do país do Oriente Médio nas exportações, das 2,5 milhões de toneladas que o Brasil inteiro enviou ao Irã este ano, 900 mil saíram do Estado paranaense, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

A ameaça de rompimento comercial com o Brasil foi verbalizada pelo embaixador do Irã em Brasília, Seyed Ali Saghaeyan, no dia 24 de julho. A declaração ocorreu em retaliação ao fato de dois navios iranianos estarem parados no Porto de Paranaguá desde o início de junho, com seus tanques de combustível vazios. Isso porque a Petrobras, alinhada ao novo posicionamento geopolítico da diplomacia brasileira de apoio aos Estados Unidos, decidiu não fornecer combustível às duas embarcações seguirem viagem de volta, carregadas de milho, em razão de sanções dos norte-americanos ao país do Oriente Médio.

A Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) se opõe ao embargo contra os navios iranianos, pois as sanções econômicas contra o Irã não devem ser aplicadas em caso de transporte de alimentos. O mesmo vale para medicamentos e equipamentos médicos. O transporte de comida está previsto no que se encaixa como ‘exceção humanitária’.

“A recusa da Petrobras em fornecer combustível para os navios iranianos traz péssimas consequências para o setor agrícola do Brasil. Além de ser o maior importador de milho brasileiro, o Irã é um dos principais compradores de produtos importantes para o país e para o Estado do Paraná. A paralisação dos navios também compromete a qualidade da carga de milho, que pode ser devolvida e trazer prejuízos para exportadores brasileiros”, diz o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

O economista do Sistema FAEP/SENAR-PR Luiz Eliezer Ferreira reitera o potencial perigoso que sanções do tipo podem refletir para os negócios do Paraná, que se destaca há décadas como um grande *player* internacional, fornecedor de alimentos seguros e sustentáveis para inúmeras nações no mundo inteiro. “O Irã é um dos principais parceiros comerciais do Paraná em produtos do agronegócio, este imbróglia geopolítico pode prejudicar bastante nossa balança comercial com o país islâmico, que neste momento é bastante superavitária”, reforça.

Justiça

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, determinou, também no dia 24 de julho, que a Petrobras abasteça os dois navios com bandeira do Irã parados em Paranaguá. A decisão ratificou sentença do Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR), mas que estava suspensa por um recurso da Petrobras no STF. Até o fechamento desta edição, os navios ainda aguardavam o combustível.



O secretário Márcio Nunes (o segundo, da esq. para a dir.) discursa durante o evento

Nova era para a sustentabilidade

Comissão Técnica de Meio Ambiente da FAEP cobra que políticas ambientais sejam aliadas da produção agropecuária

Integrantes da Comissão Técnica de Meio Ambiente da FAEP pediram a autoridades, durante reunião no dia 19 de julho, na sede da entidade em Curitiba, que o Estado entre em uma nova era de políticas ambientais. A pauta incluiu debates sobre agilidade

na liberação de licenças ambientais, resolução de impasses com relação a terras invadidas, necessidade de revisão na postura de órgãos de fiscalização, sustentabilidade, acesso a novos mercados, turismo rural, entre outros temas.



Reunião foi realizada em 19 de julho, na FAEP



“Quando começamos, no início do ano, percebemos que há segmentos no Paraná para os quais temos que dar uma atenção, melhorar as ações. Dentro da agricultura, por exemplo, temos frango, peixe, suíno, leite, entre outros. Tem também em outras áreas as hidrelétricas, postos de combustíveis. Enfim, detectamos 20 setores”, conta o secretário estadual de Meio Ambiente Márcio Nunes. “A visão da Secretaria está voltada ao empreendedorismo. Hoje qualquer negócio no mundo que não levar a marca da sustentabilidade, já começa falido”, completa.

Como exemplo de uma das ações diretas na melhoria das condições de produção com relação aos aspectos ambientais, a FAEP tem integrado, junto com a Ocepar (além de técnicos e produtores rurais), um grupo de trabalho para revisar resoluções antigas quanto à liberação de licenças ambientais. A maioria das mudanças propostas é relacionada a prazos e limites para obtenção de licenciamentos.

Na ocasião, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, enfatizou que, sabendo da importância da natureza para a produção de alimentos, agricultores e pecuaristas paranaenses, há décadas, investem quantias milionárias em ações que visam a preservação. “Ou investimos para nos mantermos atualizados ou ficamos na estrada. O mercado, sabemos como funciona. Temos que ter consenso de que o mundo está mudando. Nós, na FAEP e no SENAR-PR, estamos preparando todo tipo de treinamento e tomando todas as atitudes necessárias para fazer frente a essas necessidades”, salientou.

Mudanças na gestão

O secretário relatou que algumas mudanças estruturais promovidas na atual gestão devem trazer maior agilidade na hora das análises de licença ambiental, como a extinção de coordenadorias e a inclusão, sob o guarda-chuva da pasta, do Instituto Água e Terra (IAT), a Paraná Turismo, o Invest Paraná e o Simepar. “Temos a possibilidade de receber o empreendedor que está disposto a investir, dar todas as orientações necessárias e, na sequência, viabilizar a licença ambiental com segurança técnica e jurídica para que o negócio não seja barrado após o seu início”, garante Nunes.

O principal objetivo com as alterações é proporcionar uma mudança na cultura, fortalecer que há um caminho próspero para quem quer trilhar um trajetória como empresário. “Queremos mostrar com clareza que os empreendedores têm tapete vermelho no Paraná. Não vamos afrouxar, flexibilizar, acabar com o meio ambiente, não é isso. Queremos dar todas as orientações possíveis para que as pessoas obtenham o seu intento. Sabemos que o trabalho é a grande mola motriz de qualquer economia. A missão da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Turismo só acaba a partir do momento em que o cidadão colocou o negócio para funcionar, gerando emprego”, enfatiza.



Questões fundiárias

No plano federal, o secretário Especial de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Luiz Antônio Nabhan Garcia, também sinalizou para uma nova postura com relação à condução dos conflitos envolvendo terras. “O passivo do Paraná é o maior do Brasil disparado, com essas questões de propriedades invadidas”, diagnosticou. “Fica efetivamente concretizada uma parceria com os governos federal e estadual, para que nós façamos essas reintegrações [de posse]. Vamos passar o Brasil e o Paraná a limpo, fazer Justiça, e não ter mais a irresponsabilidade de permitir invasão”, disse.

Nabhan salientou ainda que o Paraná cumpriu 19 reintegrações de posse neste ano, um exemplo a ser seguido por outros Estados. “É isso que o Brasil precisa. Não vamos dar mais mau exemplo, porque qualquer país do mundo que se diz democrático não pode aceitar e conviver com isso”, defendeu.

Outro ponto levantado durante a reu-

Turismo rural como chamariz de negócios

O desenvolvimento do turismo rural está na pauta do governo estadual, segundo o presidente da Agência Paraná Turismo, João Jacob Mehl. “Temos que evoluir nesse segmento, como ocorre na Europa, onde as pessoas vão a uma propriedade rural e podem dormir, se alimentar, usufruir da fazenda. Começamos a participar de feiras nacionais de turismo e temos propostas para feiras internacionais. Temos ainda a TV Educativa, que foi transformada em TV Turismo. Tudo isso vai facilitar muito o nosso trabalho de vender o

Paraná como destino”, enfatizou.

A deputada federal Aline Sleutjes também falou sobre uma viagem que fez, representando o Brasil. A parlamentar integrou a comitiva do governo federal à Ásia – Japão, China, Vietnã e Indonésia – em busca de abertura de novos mercados para os produtos brasileiros. “Na China, conseguimos alavancar um setor de suma importância, o da carne. Estamos com dificuldade de liberação desse comércio há muitos anos. Tem frigoríficos há muitos anos tentando se credenciar para mandar carne para lá. Nós devemos credenciar 78 plantas junto a China e, possivelmente, outras para continuar ampliando as possibilidades de negócio”, relatou Aline.

nião é o fato de que ainda não há uma legislação que regulamente a questão da emissão de notas fiscais de prestação de serviço pelos produtores rurais. Sobre isso, a deputada federal Aline Sleutjes

(PSL-PR) se comprometeu a levar a questão a Brasília para uma análise e, posteriormente, uma alternativa – Projeto de Lei ou resolução que envolva os ministérios da Agricultura e o Turismo.



Ribas assume CT de Meio Ambiente

O presidente do Sindicato Rural de Ponta Grossa, Gustavo Ribas, assumiu como novo presidente da CT de Meio Ambiente, no dia 19 de julho. Ribas assumiu a vaga do líder rural Nelson Teodoro, de Campo Mourão, que faleceu em maio deste ano. “Quero registrar meu lamento pelo falecimento de Nelsinho, um dos maiores defensores do agronegócio que tivemos. Ele sempre deu seu máximo para defender nosso setor. Isso era muito claro no modo como ele se expressava, com sua exaltação na hora de defender os interesses do campo”, refletiu.

Ribas enfatizou aos presentes a necessidade de haver uma mobilização forte para agir de forma estratégica na temática da sustentabilidade. “A comissão de Meio Ambiente é essencial para o nosso negócio, dependemos de nascentes protegidas, solo conservado, reservas ambientais, somos os maiores interessados nisso, sem a natureza nossa atividade não existe. E precisamos mostrar isso, porque hoje ninguém vê o produtor como alguém proativo no meio ambiente, como um produtor de alimentos. É preciso mostrar que nós não somos destruidores da natureza, muito pelo contrário”, cravou.

Encolhimento da demanda puxa queda de preços do leite no Paraná

Valor de referência recuou 7,06% no primeiro decêndio de julho, oscilação atípica para o período

Depois de um começo de ano em que se observou a recuperação do mercado de lácteos, os preços do leite voltaram a cair no primeiro decêndio de julho, acentuando a queda que se registrava em junho. O movimento – considerado atípico para esta época do ano – está diretamente relacionado ao aumento da captação e à redução expressiva da demanda. O cenário foi apresentado na reunião do Conselho Paritário Produtores/Indústria do Leite do Paraná (Conseleite-PR), realizada no dia 23 de julho, na sede da FAEP, em Curitiba.

O colegiado aprovou o valor de referência de R\$ 1,0549 para o litro de leite entregue em julho a ser pago em agosto. A queda é de 7,06%, que corresponde a R\$ 0,0801. O recuo foi maior do que o próprio setor esperava. “A partir de abril, historicamente, a gente tende a ver preços crescentes, pelo comportamento do próprio mercado. Mas diferentemente do normal, assistimos à redução de preços de produtos importantes, que afetaram o resultado. Pode

ser um choque de oferta”, observa Vânia Guimarães, pesquisadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

As perspectivas negativas puxadas pela queda do consumo de lácteos e derivados acabaram se mostrando mais severas do que o setor previa. Dois produtos cuja comercialização pode ser considerada “termômetro” do mercado, o leite UHT e o leite cru tiveram variações negativas bastante significativas e acima da média dos outros produtos. O encolhimento dos preços, no entanto, foi registrado de forma generalizada entre os produtos lácteos, com exceção da bebida láctea, que se manteve estável.

“Foi o pior julho de muitos anos, desde que fazemos esse acompanhamento”, diz o pesquisador José Roberto Canziani, também da UFPR. Os pesquisadores destacam que este panorama se contrapõe ao início do ano, quando os preços reais pagos aos produtores ficaram bem acima dos praticados em anos anteriores.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - MAIO e JUNHO/2019

Matéria-prima	Valores finais em maio/2019	Valores finais em junho/2019	Variação (Junho - Maio)	
	(leite entregue em maio a ser pago em junho)	(leite entregue em junho a ser pago em julho)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,1712	1,1046	-0,0666	-5,69%

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - PROJETADOS PARA JUNHO E JULHO/2019

Matéria-prima	Valores projetados junho/2019	Valores projetados julho/2019	Variação (Julho - Junho)	
	(leite entregue em junho a ser pago em julho)	(leite entregue em julho a ser pago em agosto)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,1350	1,0549	-0,0801	-7,06%

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de julho é de 2019 é de **R\$ 2,4025/litro.**

A Resolução 07/2019 completa está disponível do site www.conseleitepr.com.br.

Sanidade brasileira a partir do modelo paranaense

FAEP, Adapar e CNA debatem ações para tornar mais eficiente a estrutura do país com o uso da expertise estadual

Por Bruna Fioroni

A iminente conquista do *status* de área livre de febre aftosa sem vacinação colocou o Paraná sob os holofotes. A nova condição sanitária vem para coroar o trabalho da defesa agropecuária paranaense que, desde 1970, mobiliza inúmeros profissionais para aperfeiçoar o que hoje se consolidou como o sistema mais robusto do país. Ainda que sujeito a algumas determinações para ser chancelado pela Organização Mundial de Saúde (OIE), o Paraná já recebe o reconhecimento pelo nível atual de segurança alimentar.

Com o objetivo de conhecer mais a fundo o trabalho de estruturação sanitária realizado no Paraná, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) esteve em Curitiba, no dia 22 de julho, para se reunir com representantes da FAEP e da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). O grupo discutiu estratégias para aprimorar o sistema de defesa agropecuária no país, com base nas medidas implantadas no Paraná.

“É muito importante que vejam como o Paraná está estruturado em termos de sanidade, sobretudo na questão das fronteiri-

ras, onde agora teremos uma intensificação do trabalho de fiscalização e vigilância sanitária devido ao trânsito animal”, disse o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Eficiente e moderno

Segundo o superintendente técnico da CNA, Bruno Lucchi, o intuito é aproveitar a expertise paranaense para tornar o sistema de defesa do país ainda mais moderno e eficiente.

“O Paraná é um exemplo de defesa agropecuária e as parcerias público-privadas, nesse sentido, têm dado muito certo. Tivemos uma série de informações da FAEP mostrando as iniciativas trabalhadas ao longo destes últimos anos sobre o modelo formado, que tem esse melhor desempenho em relação ao resto do Brasil. Conhecendo os bons exemplos, vamos tentar replicar de forma nacional, levando junto ao Ministério e aos outros Estados, principalmente agora nesse momento de retirada da vacina”, destacou Lucchi.

O Brasil, sob coordenação do Mapa e com participação dos serviços veterinários estaduais e do setor produ-



Encontro reuniu lideranças das entidades na sede da Adapar

tivo, segue o Programa Nacional de Erradicação de Febre Aftosa (PNEFA). Além de atuar na manutenção das zonas livres da doença, a principal estratégia é tornar o Brasil livre de febre aftosa sem vacinação até 2026, com reconhecimento pela OIE.

Antes disso, de acordo com o programa, está prevista a suspensão da vacinação em todo território nacional até 2021. Para o coordenador do Grupo de Trabalho de Sanidade Animal da CNA e presidente da Famasul, Mauricio Saito, é importante que os Estados cumpram todos os prazos estabelecidos.

“Esse conhecimento adquirido no Paraná irá trazer novas ideias para que possamos implementar esse trabalho de defesa sanitária não apenas no Mato Grosso do Sul, mas nos demais Estados. O Paraná é referência nacional em relação à estrutura de sanidade animal, por isso viemos em busca de informações, tanto com a iniciativa privada, personalizada pela FAEP, assim como com o poder público, representado pela Adapar”, afirmou Saito.

“Todos os sistemas têm que ser modernizados”, afirmou o diretor-presidente da Adapar, Otamir Cesar Martins, reforçando a necessidade de interrupção da vacina contra febre aftosa em todo o Brasil.

Referência

Uma das medidas sugeridas foi a criação de um fundo para viabilizar recursos e promover o aperfeiçoamento da defesa sanitária nacional, a exemplo do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Paraná (Fundepc). A modernização de laboratórios e uso de tecnologias de geolocalização para a estruturação de um plano de contingência

“Tivemos uma série de informações da FAEP mostrando as iniciativas trabalhadas ao longo destes últimos anos”

Bruno Lucchi, superintendente técnico da CNA

também foram pontos abordados durante a reunião. Hoje, 99% do rebanho bovino paranaense estão catalogados pela Adapar, além da implantação de outros sistemas para garantir rastreabilidade, controle e fiscalização.

Outro assunto tratado foi a formação dos Conselhos de Sanidade Agropecuária (CSAs), uma parceria com a FAEP, que auxiliam na promoção da defesa e vigilância da agropecuária no Estado. Segundo o consultor da Federação, Antônio Poloni, os CSAs foram fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência e educação sanitária, trazendo a sociedade para o centro do debate.

Atualmente existem 364 CSAs no Paraná, todos elaborados com a participação da comunidade municipal e com planos de ação. As estratégias para o avanço em sanidade animal também são fortalecidas pelo Conselho Estadual de Sanidade Agropecuária (Conesa), outra iniciativa em parceria com a FAEP.



Agronegócio guarani com sotaque pé-vermelho

Há décadas, milhares de produtores rurais do Paraná contribuem como protagonistas para tornar o Paraguai uma referência mundial na produção de grãos e carne bovina



A bandeira vermelha, branca e azul no canto da sala e a cuia de tereré em cima da mesa não deixam dúvida: os hábitos paraguaios já estão incorporados à rotina do produtor paranaense Antonio Francisco Galhera, de 58 anos. Afinal, são quase quatro décadas vivendo no país vizinho. Mais do que um simples morar, Galhera contribui diretamente para o desenvolvimento econômico do Paraguai. O negócio dele é produzir diversas culturas agrícolas que exigem as duas mãos para contar, além da pecuária de corte.

Galhera desembarcou no Paraguai em 1983, quando o agronegócio por lá se resumia, praticamente, a produção de madeira, menta, algodão e alguns poucos grãos. Na época, o governo do presidente Alfredo Stroessner fazia propaganda pelo Paraná, principalmente nas regiões Norte e Oeste, para atrair produtores e, na bagagem, conhecimento e técnicas no ofício rural. “Quando chegamos, a estrutura agropecuária era bastante precária. Tivemos, inclusive, de trazer as máquinas do Paraná. Os fornecedores de insumo eram poucos. Os primeiros anos foram difíceis. Mas nunca pensamos em desistir”, relembra Galhera.

De lá para cá, o Paraguai se tornou uma referência mundial no agronegócio, ocupando, por exemplo, a quarta posição na produção da principal *commodity* agrícola, a soja, atrás apenas do Brasil, Estados Unidos e Argentina, e o décimo colocado no ranking dos exportadores de carne bovina. O estopim do desenvolvimento guarani se deu no início do século. Em 18 anos, de 2000 a 2018, a oferta de soja foi multiplicada quase três vezes – de 3,5 milhões de toneladas para 10,2 milhões de toneladas (veja o gráfico na página 13). No mesmo período, a produção de milho cresceu quase 500% – de 947 mil toneladas para 4,6 milhões de toneladas. Tudo isso, principalmente, pelas mãos, suor e trabalho dos produtores paranaenses.

“Hoje, a agricultura do Paraguai é uma referência, com possibilidade de produzir ainda mais. Isso, com certeza,

graças a vinda dos paranaenses, que trouxeram conhecimento, técnicas e tecnologias. Se não fosse assim, o Paraguai ainda estaria plantando mandioca e erva-mate”, destaca o produtor de São Jorge do Ivaí, na região Norte do Estado.

Galhera faz parte de um amplo universo de produtores do Paraná que, há décadas, atuam diretamente para colocar o Paraguai no mapa do agronegócio global. Não existem dados oficiais, mas segundo estimativa do presidente da Associação dos Produtores de Soja, Oleaginosas e Cereais do Paraguai (APS), Karsten Friedrichsen, mais de 15 mil brasileiros estão dedicados a atividade em solo paraguaio, sendo a esmagadora maioria de paranaenses. Isso sem contar os filhos destes agricultores e pecuaristas que, apesar da certidão de nascimento paraguaia, carregam o DNA pé-vermelho.

Referência do continente

Visto durante muito tempo como o “primo pobre” da América do Sul, na última década, o Paraguai arrumou a casa a ponto de se tornar uma referência, principalmente dentro do continente. Ano após ano, o país registra crescimento de fazer inveja as outras nações. Segundo as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia paraguaia deve registrar uma alta de quase 7% em 2019, enquanto o Brasil cerca de 0,9% e a Argentina algo em torno de 3%. Ainda, os hermanos podem registrar um salto no Produto Interno Bruto (PIB) de 42 bilhões de dólares em 2018 para 58 bilhões de dólares em 2023, alta de quase 40%.

E muito deste desempenho invejado pela concorrência está calçado na agropecuária, um dos pilares da economia. Nos últimos dez anos, o setor sempre beirou os 20% de participação do PIB (no Brasil, o índice é de 5,6%). Alcançar esse patamar exigiu trabalho árduo e dedicação por parte dos produtores paranaenses.

“Quando chegamos aqui, a agropecuária estava engatinhando. A safra de 1986 rendeu 34 sacas de soja por



Éison Buaski e Luciano Poland estão há décadas ajudando a desenvolver a agropecuária paraguaia

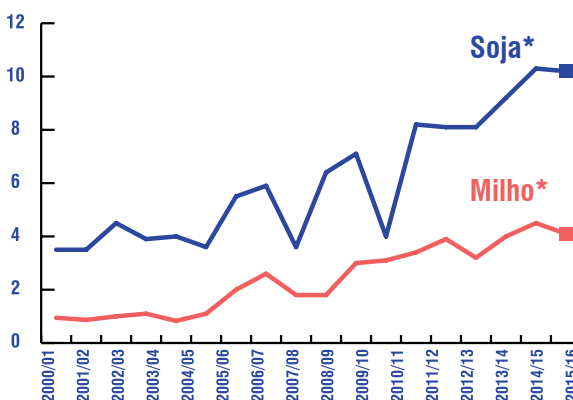
hectare. Esse era só um dos desafios. A região tinha apenas um silo. Entregar os grãos era bastante difícil. Às vezes tínhamos que rodar quilômetros de estrada de chão”, relembra o londrinense Paulo Mendes do Santos, de 53 anos, gerente da Fazenda Arroio Posuelo Imapõ, na cidade de Nueva Esperanza, no departamento de Canindeyú. Hoje, a produtividade média da soja no país vizinho bate na casa das 52 sacas por hectare, pouco abaixo do Paraná, com média de 58 sacas por hectare.

Mais do que apenas um espectador, Santos participou do desenvolvimento do agronegócio guarani nas últimas décadas. O gerente de voz grossa e números na ponta da língua chegou ao Paraguai ainda criança, em 1979, a tiracolo do pai, convocado para trabalhar em uma madeireira. Os primeiros passos ainda menino também foram dentro de uma empresa do mesmo ramo, na área administrativa. Até que, em 1994, a companhia, ciente do poderio rural do país, deixou de investir em madeira para se dedicar a agricultura e pecuária.

A aposta deu certo! Dos 10,5 mil hectares, a Fazenda Imapõ dedica 3,9 mil hectares a agricultura, principalmente plantio de soja, milho e trigo. Uma área semelhante é ocupada por 8,5 mil animais de corte (cria, recria e engorda). Ainda, 2,7 mil hectares são reserva legal. “Se os paranaenses não tivessem vindo desbravar, o povo paraguaio teria dificuldades. Nós trouxemos conhecimento e tecnologia para ajudar no desenvolvimento”, aponta Santos.

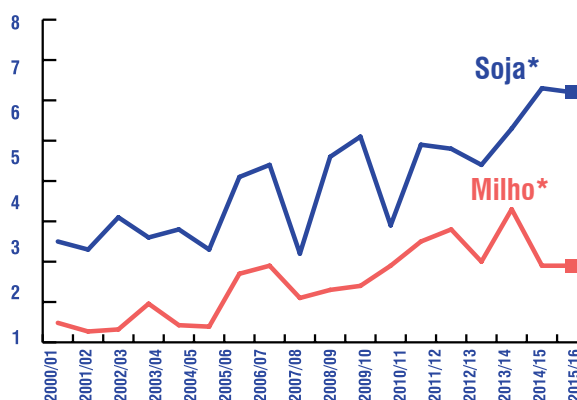
Impulso guarani

Nas últimas duas décadas, as principais *commodities* agrícolas registraram um avanço em produção, a ponto de colocar o Paraguai entre os maiores produtores de grãos do mundo



Negócios com o mundo

Com o desenvolvimento acelerado da agricultura, o Paraguai tem avançado nas exportações e conquistado cada vez mais espaço no mercado exterior



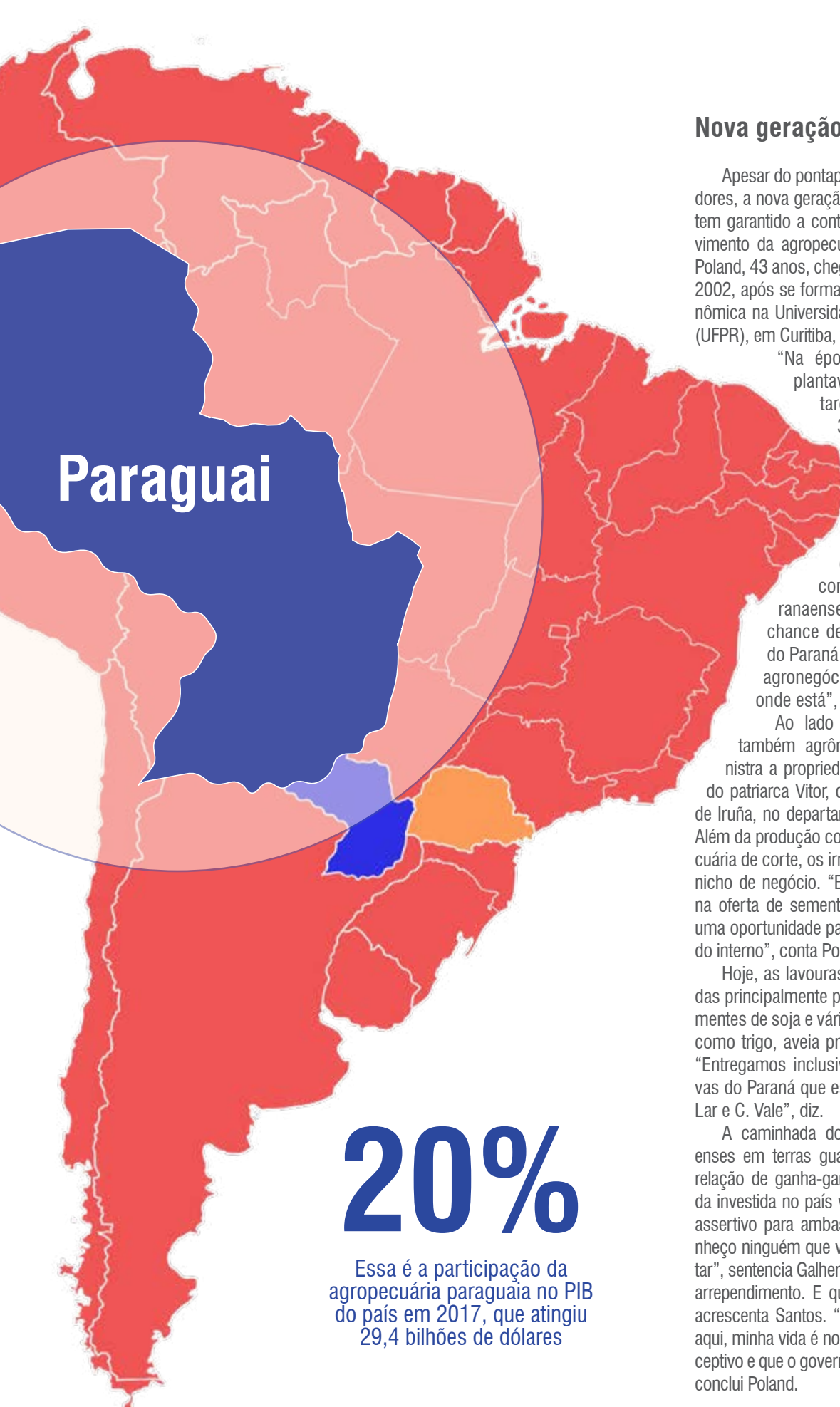
* Em milhões de toneladas



Chaco

Região semiárida no Norte do Paraguai tem atraído agricultores e pecuaristas, inclusive paranaenses. Apesar da abundância de terras, a região ainda impõe desafios como a falta de chuva

Fonte: Câmara Paraguuaia de Exportadores e Comercializadores de Cereais e Oleaginosas (Capeco) - Elaboração: DTE/Sistema FAEP/SENAR-PR



Paraguai

20%

Essa é a participação da agropecuária paraguáia no PIB do país em 2017, que atingiu 29,4 bilhões de dólares

Nova geração

Apesar do pontapé inicial dos desbravadores, a nova geração formada pelos filhos tem garantido a continuidade do desenvolvimento da agropecuária guarani. Luciano Poland, 43 anos, chegou ao país vizinho em 2002, após se formar em engenharia agrônoma na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, três anos antes.

“Na época, o Paraguai não plantava 2 milhões de hectares. Hoje são mais de 3,5 milhões de hectares, com potencial para avançar ainda mais”, relembra. “A expansão foi feita de forma planejada e tecnicada, com o conhecimento dos paranaenses, o que reduziu a chance de erro. Os produtores do Paraná foram cruciais para o agronegócio do Paraguai chegar onde está”, acrescenta.

Ao lado do irmão Alexandre, também agrônomo, Luciano administra a propriedade de 5 mil hectares do patriarca Vítor, de 70 anos, na cidade de Iruña, no departamento de Alto Paraná. Além da produção comercial de grãos e pecuária de corte, os irmãos identificaram um nicho de negócio. “Existia uma dificuldade na oferta de semente na época. Vimos aí uma oportunidade para abastecer o mercado interno”, conta Poland.

Hoje, as lavouras da família são voltadas principalmente para a produção de sementes de soja e várias culturas de inverno como trigo, aveia preta e nabo forrageiro. “Entregamos inclusive para as cooperativas do Paraná que estão por aqui, como a Lar e C. Vale”, diz.

A caminhada dos produtores paranaenses em terras guarani comprova que a relação de ganha-ganha, desde o começo da investida no país vizinho, é um caminho assertivo para ambas as partes. “Não conheço ninguém que veio para cá e quis voltar”, sentencia Galhera. “Quem não veio tem arrependimento. E quem voltou, também”, acrescenta Santos. “Meus filhos nasceram aqui, minha vida é no Paraguai, um lugar receptivo e que o governo valoriza o produtor”, conclui Poland.



Na esteira, empresas e cooperativas desembarcam no Paraguai

Nas últimas décadas, o processo migratório maciço de agricultores e pecuaristas paranaenses para o Paraguai forçou uma remodelagem na atuação de empresas e cooperativas do setor rural. Com os clientes/associados do outro lado da fronteira, as organizações voltadas para prestação de serviços e produtos se viram “obrigadas” a fixar base em solo guarani. Afinal, os produtores precisavam de uma retaguarda eficiente.

A cooperativa Lar, de Medianeira, na região Oeste do Paraná, está no Paraguai desde 1997. Na época, a empresa [no país vizinho, a Lar não é uma cooperativa] precisava de soja e milho para abastecer as fábricas de ração. Junto a isso, muitos produtores pediram para que a empresa vendesse insumos e prestasse assistência técnica, assim como no Brasil. Ou seja, bastava unir o útil ao agradável. Hoje são 12 unidades de recepção de grãos, além da sede administrativa, na cidade de Mbaracayu, que atendem 1,1 mil clientes.

A C. Vale, de Palotina, no Oeste, também seguiu para o país vizinho. A

empresa abriu unidades para fornecer insumos e receber grãos dos associados com terras por lá. Atualmente são três plantas, nas cidades de Katuetê, La Paloma e Corpus Christis.

Mesmo quem não tinha um renome de peso no Brasil, resolveu arriscar no país vizinho. Há cinco anos, os agrônomos Élson Buaski e Gilmar Castro montaram a Conect, empresa de consultoria agrícola, entre outros serviços como gestão de controle de fazendas, com sede em Katuetê. Passado o período de adaptação, a Conect conta os louros. Consolidada, a empresa presta serviço para quase 100 produtores no país vizinho, que somados chega em torno de 250 mil hectares.

“Ainda existe muita terra em área periférica para abrir. O país tem plenas condições de aumentar a área, produtividade e produção”, garante Castro. “Durante os 10 anos que fui instrutor do SENAR-PR observei o movimento de produtores vindo para o Paraguai. O agronegócio do país está em franco desenvolvimento. O produtor paranaense tem aptidão agrícola, veio para produzir e colabora diretamente para o desenvolvimento da atividade no país”, complementa Buaski.



Cidadão do Paraná, do Paraguai, do mundo

No primeiro momento, o jeito simples e a voz calma podem passar a impressão de que o produtor **Antonio Francisco Galhera** esteja, como se diz por aí, “com a vida ganha”. Por mais que as quase quatro décadas de muito trabalho no Paraguai tenham permitido fazer um bom pé de meia, Galhera ainda tem “muita lenha para queimar”, como o próprio define. Tanto que os planos futuros são audaciosos, a ponto de atravessar um oceano, literalmente.

Mas nem sempre Galhera encontrou bonança. Antes mesmo de chegar ao Paraguai, em 1983, o produtor enfrentou adversidades. Ainda na terra natal, em São Jorge do Ivaí, na região Norte do Paraná, viu a geada negra exterminar os cafezais da família, migrando a terra para soja.

Anos depois, em um negócio feito pelo avô materno, passaram a cultivar em Apucarana, também na região Norte. “Naquela época, eu trabalhava recebendo menos para pagar o aluguel [da casa onde morava] para o meu avô”, relembra. O patriarca dos Galhera ainda chegou a comprar terras em Goiás, mas rapidamente, por conta da febre tifoide, doença que acometia a região na época, trocou por uma área de 120 hectares de terra dobrada em Corbélia. Anos depois, não satisfeito, nova troca, por 1,2 mil hectares na cidade de Los Cedrales, no Paraguai.

“Meu avô tinha 10 filhos. Vieram cinco e eu, pois era o único que tinha conhecimento de trator”, conta. “Os primeiros anos foram difíceis. Pegamos muita chuva na hora de abrir a terra, ocorreu atraso no plantio e seca no desenvolvimento das plantas. Até que os tempos foram melhorando”, complementa.

O esforço valeu a pena. Hoje, Antonio é o presidente do grupo Hermanos Galhera Agro Valle Del Sol, junto com outros três irmãos, que chegaram ao Paraguai em 1985. “Eu trouxe eles, pois vi futuro aqui”, relembra. A empresa administra 22,5 mil hectares, sendo 4 mil próprios, espalhados por três municípios (além de Los Cedrales, Canindeyú e Caaguazú). Para cobrir tanta terra, uma diversidade de culturas: soja, trigo, milho, canola, girassol, nabo forrageiro e chia.

“O agronegócio do Paraguai não deixa nada a desejar para outras potências do mundo. Tecnologias que saem na Europa e nos Estados Unidos, rapidamente chegam por aqui”, afirma o garoto propaganda de uma marca de maquinário agrícola, com direito ao rosto estampado em *outdoors* pelas estradas do país.

Apesar das décadas dedicadas a terra, Galhera tem um futuro ainda incerto. Não sabe se leva a agricultura para região do Chaco, algum país da África, como Angola ou Moçambique, ou mesmo atravessa o globo até a Nova Zelândia. A única certeza é de que não ficará parado. “Vou produzir alimentos em algum lugar”, sentencia.

Chaco: nova fronteira ainda impõe desafios

Assim como ocorreu no Brasil com a região do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), o Paraguai também está abrindo uma nova fronteira agrícola. Recentemente, os produtores rurais, muitos paranaenses, voltaram os olhos para região do Chaco, no Norte do país. Apesar da terra vasta e dos preços ainda atrativos para aquisição da terra, a lista de desafios é extensa, a começar pelo clima.

“Não chove o ideal. Apenas em alguns bolsões os índices pluviométricos são bons para agricultura”, destaca o

agrônomo Élson Buaski, sócio da empresa de consultoria agrícola Conect.

Por conta deste obstáculo climático, a agricultura avança de forma cautelosa pela nova fronteira agrícola. “Ainda não tem tecnologia [semente] para combater a pluviometria na região, pois falta chuva. O pessoal com agricultura está se batendo”, diz Paulo Mendes do Santos.

Porém, no ritmo inverso, a pecuária de corte já está consolidada no Chaco, principalmente na parte Sul. O grupo no qual Santos é gerente tem 7 mil cabeças de gado espalhadas por 20 mil hectares na região. “Para a pecuária é excepcional. Há água de sobra no subsolo, já com os saís que os animais precisam”, comemora Santos.

Mesmo diante das adversidades, muitos produtores planejam ir para nova fronteira. Antonio Francisco Galhera quer fixar bandeira por aquelas bandas. “Essa é a hora de ir”, garante. O plano envolve vender 48 hectares em Los Cedrales, parte da herança do avô, para comprar algo em torno de 2 mil hectares na nova fronteira agrícola guarani.

Quanto da área do Chaco pode ser ocupado pela agropecuária? Enquanto alguns falam em torno de 1 milhão de hectares, outros, mais reticentes, dizem 500 mil hectares. A única opinião unânime é de que o conhecimento e tecnologias dos paranaenses serão fundamentais para consolidar o Chaco como região produtora.



“As terras aqui valorizaram muito. Valem algo como na região de Cascavel”, aponta Paulo do Santos, paranaense radicado há 40 anos no Paraguai

Reunião do Fonesa em Curitiba

O Sistema FAEP/SENAR-PR recebeu, no dia 18 de julho, a reunião de deliberação sobre as alterações necessárias no Decreto Federal 5741, de 30 de março de 2006. O documento regula aspectos cruciais da vigilância sanitária. As mudanças debatidas devem proporcionar melhorias no sistema de defesa do país. Participaram do encontro integrantes do Fórum Nacional dos Executores de Sanidade Agropecuária (Fonesa) vindo de todas as regiões do Brasil. O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, abriu o evento e, junto com representantes do sistema, participou dos debates.



Capacitação voltada para liderança

Nos dias 17, 18 e 19 de julho, colaboradores do Sistema FAEP/SENAR-PR participaram do curso Liderança Rural, desenvolvido pela entidade em parceria com o Sebrae-PR. A iniciativa faz parte das estratégias potencializar a capacidade transformadora dos líderes do agronegócio estadual e fomentar o surgimento de novos protagonistas do campo.

Futuros investimentos da Copel

O superintendente de novos projetos da Copel, Julio Omori, esteve na sede da FAEP, no dia 22 de julho, para uma reunião de alinhamento dos futuros investimentos no setor energético do Paraná. Recentemente, a Copel anunciou que irá investir R\$ 1,7 bilhão no fortalecimento do sistema elétrico até 2021, como forma de garantir suporte à produção agropecuária.



PR livre de aftosa sem vacinação na Alep

Antes programada para o plenarinho da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), a Audiência Pública no dia 28 de agosto sobre o fim da vacinação contra a doença será realizada no plenário da casa. O debate organizado pelo deputado estadual e presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Alep, Antônio Anibelli Neto, será mais um passo para consolidar o iminente reconhecimento do Paraná como área livre de aftosa sem vacinação.

A GRANDE MURALHA

A mais longa estrutura construída pelo homem ajudou a proteger a China e seu povo de invasões

Por 1900 anos, os chineses ergueram muros para se proteger das invasões dos povos do Norte. As primeiras barreiras surgiram antes da unificação do império, em 221 a.C. Ao transformar sete reinos em um país, o imperador Qin Shihuangdi (259-210 a.C.) começou a unificar a muralha, ampliada nas dinastias seguintes.

A construção da Muralha foi realizada no decorrer de dois milênios, abrangendo muitas dinastias. A obra teve início no ano 220 a.C. e sua conclusão ocorreu somente no século XVI, na dinastia Ming. De acordo com historiadores, para conceber tal monumento foi necessário o uso da mão

de obra de milhões de pessoas. No início de sua construção, a utilização era fundamentalmente militar, hoje representa um dos principais símbolos da China e se consagra como um importante ponto turístico.

Os chineses dominavam diversos assuntos como matemática, astronomia, artes, cartografia e possuíam domínio pleno em técnicas de engenharias destinadas à construção de edificações tais como a Muralha. Todo esse conhecimento de engenharia foi aplicado na Muralha, imensa construção arquitetônica que possui aproximadamente 8.851,8 quilômetros de extensão, 7,5 metros de altura e 3,75 metros de largura. É considerada como uma das mais fantásticas obras construídas pelo homem, tanto que é reconhecida como uma das sete maravilhas do mundo. A Muralha se estende pelo território subcontinental do Norte da China. É a mais longa estrutura construída pelo homem.

A Grande Muralha atingiu o auge no século 15, durante a dinastia Ming (1368-1644). Além de ampliar a barreira, a dinastia Ming criou tijolos resistentes, feitos de barro aquecido a 1.150 graus. Saindo dos fornos, que ficavam a até 80 quilômetros do muro, eles eram

levados em carroças. A argamassa era feita com barro e farinha de arroz.

A Grande Muralha foi construída por milhares de camponeses que, em troca do trabalho, eram liberados do pagamento de impostos. Há registros que dizem que, por causa da má alimentação e do frio, até 80% dos operários morriam trabalhando.

Na época, provavelmente, milhões de soldados viviam na fortificação. As torres serviam como depósito de mantimentos, abrigo para até 50 militares e base para observação de movimentos inimigos. A distância entre elas variava, mas seguia um critério: cada torre tinha que visualizar os sinais emitidos pela vizinha. A comunicação entre as torres era feita com sinais de fumaça preta. No auge da muralha, o combustível mais usado era esterco misturado com palha. Na falta desse material, os soldados improvisavam com bandeirinhas pretas ou brancas. Ao longo da muralha, estão ligados aproximadamente mil fortes, tendo janelas e troneiras (espaços usados para colocar os canhões), além de plataformas que, antigamente, eram usadas para atacar inimigos, e as torres de almenara, usadas para a comunicação entre os militares.

A Grande Muralha foi posta à prova diversas vezes. Em 1211, Gêngis Khan (1162-1227) venceu os chineses que se defendiam na área leste da construção. Mas ela salvou a China em 1482, quando os mongóis ficaram presos contra as fortificações.

A partir de 1664, quando os manchus expandiram o território da China na direção Norte, a obra perdeu utilidade. Em 1677, uma ordem do imperador Kangxi (1654-1722) pôs fim à longa saga de construções e reformas da mais incrível estrutura militar do mundo.

Hoje, além de não haver uma intensa manutenção com relação à construção, tão antiga, sua deterioração está acontecendo em decorrência da má restauração da construção, tendo os materiais variados de acordo com a localização. Além disso há a depredação e roubo de tijolos, o que compromete, segundo estudiosos, parte significativa da construção.

Apesar disso, todos os anos, mais de 10 milhões de pessoas visitam algumas das áreas bem conservadas do monumento, principalmente as seções que estão próximas a Pequim, capital do país.



Estudo comprova sucesso do JAA

Dissertação de mestrado de instrutora do SENAR-PR aponta os resultados do programa Jovem Agricultor Aprendiz nos aspectos pessoal e profissional dos egressos



Ao longo do estudo, pesquisadora entrevistou 565 ex-alunos do programa

Por Bruna Fioroni

Há 14 anos que o programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), uma iniciativa do SENAR-PR, repercute positivamente entre os jovens. Apesar dos relatos que destacam as boas experiências, sua eficiência ainda não havia sido comprovada cientificamente. Isso até agora! A agrônoma e instrutora do SENAR-PR, Lidiane Braga, realizou uma pesquisa inédita que avalia os impactos do programa entre os egressos. Resultado: o JAA tem atingido seu objetivo como ferramenta de aprendizagem rural.

O projeto “Influência do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) no desenvolvimento humano e profissional de jovens” foi desenvolvido como dissertação do Programa de Mestrado em Agronomia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e apresentado à banca avaliadora no início de julho deste ano. Para alcançar os resultados, a pesquisadora aplicou questionários e/ou entrevistou 565 egressos do programa entre 2013 e 2017.

A pesquisa teve início em 2017, com apoio do SENAR-PR e da rede de instrutores do JAA. “O SENAR-PR autorizou a pesquisa e forneceu todos os dados que eu precisava. Também foi apresentado a outros instrutores do JAA, que auxiliaram no con-

tato com seus egressos. Isso reforçou a questão do vínculo que é criado entre o instrutor e o participante. Foi um trabalho em conjunto”, destaca Lidiane.

A pedagoga e coordenadora do JAA, Regiane Hornung, avalia que os resultados da dissertação, além de comprovar a eficiência do programa, são importantes dentro do próprio SENAR-PR, pois contribui para a tomada de decisões futuras. “Em 2015 começamos a fazer uma avaliação de egressos dos programas do SENAR-PR. Esta pesquisa da Lidiane reforça o nosso trabalho. Com isso, podemos identificar o que devemos manter e também melhorias a serem feitas”, aponta Regiane, que esteve presente na defesa do estudo.

Ainda de acordo com a pedagoga do SENAR-PR, a instituição está implementando processos avaliativos de seus programas e ações para mensurar resultados, conforme estabelecido pelo Conselho Nacional de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas, por meio do Decreto 9.834 de 12 de junho de 2019.

Resultados

Para Lidiane, uma das principais conclusões do trabalho é em relação ao vínculo com o meio rural despertado



Lidiane Braga, que também é instrutora do SENAR-PR, defendeu sua tese em programa de mestrado

entre os jovens. A partir dos dados levantados é possível constatar que o JAA tem conseguido que seus participantes encontrem uma conexão com o campo, ainda que estejam vivendo em meio urbano.

Os resultados apontam que, no início do programa, cerca de 68% afirmam que têm vínculo com o campo. Ao final, mais de 92% declaram que possuem essa relação. A autora da dissertação observa que isso funciona como um preparo para a sucessão familiar, pois o jovem começa a se interessar pelas atividades ligadas ao setor agropecuário e percebe que ali existe uma possibilidade de carreira profissional.

Nesse sentido, 70% dos egressos continuam estudando e destes, 22% escolheram ciências agrárias. O curso mais escolhido é agronomia e o segundo é técnico em agropecuária.

Além do desenvolvimento no âmbito profissional, a pesquisa de Lidiane pode comprovar que os conhecimentos pessoais, também explorados pelo JAA, são de grande valia para os jovens participantes. De acordo com os resultados, mais de 50% dos egressos afirmam que o programa auxiliou na reflexão e tomada de decisões, independentemente de seguirem carreira na área agrícola.

“Eles afirmam que o JAA ajuda a serem bons profissionais em qualquer área que estejam. É um aprendizado para a vida. Os conteúdos sobre gestão de pessoas, cidadania, ética, valores humanos e empreendedorismo foram os mais citados”, expõe a autora do trabalho.

Lidiane também conta que as conclusões do seu trabalho tiveram impacto em sua realidade como instrutora do SENAR-PR. “Conseguimos comprovar o quanto é importante trabalharmos o desenvolvimento pessoal em sala de aula. Os egressos nos relatam que foi o diferencial e a própria pesquisa só foi possível em função desse vínculo criado”, afirma.

Outro importante resultado que tem relação com o sucesso do programa é a quantidade de matriculados, egressos e jovens aprovados. A taxa de aprovação está acima de 75%, enquanto a taxa de evasão é de cerca de 20%. “Quando eu recebi os dados do JAA, mesmo sendo instrutora, fiquei em choque com a grandiosidade do programa. Quando apresentei à banca, os professores também ficaram surpresos”, reconhece Lidiane.

Além dos resultados citados, o trabalho concluiu que não há diferença em relação ao gênero dos jovens, o que demonstra a participação cada vez mais ativa do público feminino no meio rural.



Doenças respiratórias em bovinos causam perda de produtividade

Mais atingidas, bezerras podem perder desempenho produtivo durante a vida adulta

Não é novidade que as baixas temperaturas que marcam a chegada do inverno, ainda combinadas ao ar mais seco deste período, formam um ambiente propício para o aumento dos casos de doenças respiratórias. E não são apenas os seres humanos que podem sofrer com esse tipo de enfermidade.

Os bovinos, principalmente quando bezerros, também são acometidos por um complexo de doenças que atinge o sistema respiratório, causando prejuízos para o rebanho, principalmente na pecuária de leite. As Doenças Respiratórias dos Bovinos (DRB) causadas por diversos vírus e bactérias podem evoluir rapidamente para enfermidades mais graves, inclusive levando o animal à morte.

Segundo o médico veterinário do Sistema FAEP/SENAR-PR Alexandre Lobo Blanco, o primeiro estágio da DRB é de forma subclínica, ou seja, sem sinais aparentes. O animal, no entanto, pode apresentar febre e não se alimentar como de costume, se isolando do rebanho. “Muitas vezes o produtor nem percebe que o animal está doente porque não tem costume de aferir a temperatura”, observa.

As bezerras são as mais atingidas pelas doenças respiratórias por ainda estarem em período de formação do sistema imunológico. A maior parte das ocorrências se concentra no período entre quatro a seis semanas, sendo o mais alto risco do nascimento até os 21 dias.

A principal forma de garantir a imunidade das bezerras recém-nascidas é por meio do colostro, primeiro leite secretado pela vaca após o parto. “Não existe uma única vacina que combata todas os agentes causadores das doenças respiratórias. Uma alternativa muito comum no manejo é o programa vacinal, em que as vacas são vacinadas para que o colostro produzido seja mais rico em anticorpos específicos”, aponta Blanco.

Cuidados com o rebanho

Apesar da maior incidência entre bezerras, a DRB também pode atingir animais adultos. As principais causas que favorecem a manifestação de pneumonia e outras doenças respiratórias são a inadequação de instalações, déficit nutri-



Principais fatores de risco:

- 1) Colostro:** deve ter alta concentração de imunoglobulinas e ampla especificidade de anticorpos para a proteção das bezerras;
- 2) Cuidados com o umbigo:** para interromper o contato da região intra-abdominal do animal com o meio externo, a higienização do umbigo deve ser realizada imediatamente após o nascimento;
- 3) Alimentação:** manter regularidade no fornecimento de leite ou substitutos, respeitando horários, métodos, volume e temperatura;
- 4) Instalações:** adequar temperatura, umidade, sombra e sistemas de ventilação;
- 5) Manejo estressante:** evitar práticas consideradas desconfortáveis ou dolorosas em virtude do sistema imunológico das bezerras.

Curso

O SENAR-PR oferece o curso “Manejo e Alimentação de Bezerras e Novilhas Leiteiras”, com orientações detalhadas aos produtores sobre o manejo sanitário do rebanho. Os demais cursos da entidade na área de bovinocultura de leite também abordam o tema de forma mais simplificada. Confira o catálogo completo de cursos do SENAR-PR no site www.sistemafaep.org.br.

cional e estresse. “É importante manter instalações secas e arejadas, com boa circulação de ar. Os produtores têm costume de achar que, por causa do frio, a redução da ventilação do confinamento é a melhor opção. Mas isso pode favorecer a propagação de vírus e bactérias”, ressalta o médico veterinário do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Além do aumento da temperatura retal e perda de peso, um animal acometido por uma DRB pode apresentar secreção nasal, respiração ofegante, tosse e espirros frequentes, diarreia, apatia e letargia.

As características microclimáticas das regiões podem interferir na indicação do melhor tratamento, por isso é importante a presença de um profissional para avaliar o caso e garantir um ambiente sem estresse térmico para o animal. Ainda, o tratamento por antibióticos só pode ser prescrito por um médico veterinário.

Quanto antes o diagnóstico, maiores as chances de sobrevivência da bezerra. Ainda, de acordo com a severidade da doença, o animal pode carregar danos permanentes que

irão prejudicar seu desempenho produtivo enquanto adulto. O controle de risco contra a doença é fundamental para garantir maior produtividade do rebanho e evitar prejuízos econômicos.

Outro alerta dado pelo médico veterinário do Sistema FAEP/SENAR-PR é em relação à ocorrência de uma epidemia no rebanho. “Por isso a importância do produtor estar sempre monitorando os animais, principalmente a temperatura. Uma infecção generalizada no rebanho abre portas para outras zoonoses de interesse econômico, além do custo de um tratamento prolongado e descarte de todo o leite produzido”, destaca.

Em casos de surtos epidêmicos, existem vacinas contra os principais vírus e bactérias que causam o complexo DRB, no entanto, a vacinação não substitui as medidas de controle e profilaxia. “Com o fim das campanhas de vacinação contra a febre aftosa no Paraná, o produtor precisa ficar atento para as outras vacinas do programa vacinal, indicado pelo veterinário que atende o produtor”, complementa Blanco.

Após frustração na soja, milho safrinha deve ser recorde no Paraná

Estado pode atingir marca inédita de 13,6 milhões de toneladas do cereal. Enquanto isso, clima nos EUA, guerra comercial e peste suína deixam cenário de preços em suspense

Por Antonio C. Senkovski

Depois de uma temporada com perdas na soja pelo calor e a seca que atingiram o Paraná no início do ano, os produtores paranaenses devem atingir um novo recorde na produção de milho safrinha. De acordo com o relatório divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Paraná pode chegar a marca inédita de 13,67 milhões de toneladas, superando os 13,14 milhões de toneladas da temporada 2016/17. Somadas as duas safras de milho (verão e safrinha), os paranaenses devem colocar 16,84 milhões de toneladas nos silos, terceira maior marca da história.

Para o presidente da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP, Nelson Paludo, a frustração na soja foi um fator importante para o sucesso de produtividade no milho na Região Oeste, uma das principais produtoras do cereal na segunda safra. “Esse ano, o milho foi plantado em janeiro, período ideal, mas que nunca conseguimos porque a soja atinge o ponto de colheita, geralmente, a partir de fevereiro. Como a soja morreu antes de concluir o ciclo [em 2018/19], isso permitiu que a safrinha fosse plantada mais cedo”, explica. “Isso vai compensar um pouco as perdas da soja, pois a produtividade do milho foi muito boa e os preços estão em patamares razoáveis”, completa. O preço da saca em Cascavel, no dia 25 de julho, estava em R\$ 27,50.

Se internamente, em algumas praças do Paraná, a saca



ultrapassa os R\$ 30, no cenário global há uma variável importante que pressiona as cotações do *bushel* para cima (veja gráfico na página 25). Os Estados Unidos passam pela maior sequência de problemas climáticos da história. O excesso de chuva na época da semeadura desencadeou o maior atraso da história no plantio do país. O reflexo pode ser constatado na bolsa, onde os preços praticados são os melhores dos últimos anos (veja gráfico na página 25).

Apesar disso, diversos fatores explicam os motivos dos preços não serem imediatamente absorvidos pelo mercado interno brasileiro, segundo o economista do Sistema FAEP/SENAR-PR Luiz Eliezer Ferreira. “A cotação na Bolsa de Chicago é apenas um dos fatores que influenciam na formação de preços. Temos como importantes variáveis o dólar [atualmente na casa dos R\$ 3,75], a expectativa de oferta e demanda do milho brasileiro

Produção nacional também mira recorde

Independentemente do movimento do mercado, as máquinas avançam na colheita do milho safrinha. A Conab estima que o Brasil deva colher na 72,4 milhões de toneladas de milho safrinha nesta temporada, o que representa um crescimento de 34,2% ante o ano passado. Na safra de verão, o Brasil produziu 26,2 milhões de toneladas (-2,5% comparado à safra passada). Ou seja, somando as duas, o milho brasileiro deve alcançar uma marca de 98,6 milhões de toneladas, um novo recorde. A maior marca até então pertencia à safra 2016/17, período no qual, somadas primeira e segunda, o Brasil colheu 97,8 milhões de toneladas.

CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista;
- Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de **QR Code**.

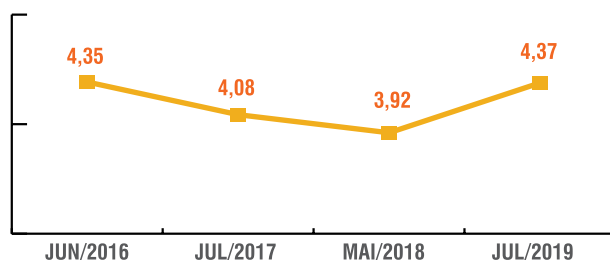


bem ajustada, uma redução do estoque a nível mundial e, não se sabe ao certo, uma quebra significativa na produção norte-americana, que pode passar das 60 milhões de toneladas”, enumera.

Em relação à demanda por milho, interna e para exportação, a INTL FCStone ajustou sua previsão para consumo doméstico para 62,5 milhões de toneladas (contra 62 milhões de toneladas divulgados em junho). As exportações, nos cálculos da consultoria, devem ficar em torno de 35 milhões de toneladas (contra 33 milhões de toneladas no mês anterior), contando com os problemas na safra norte-americana. “Como a estimativa de produção foi ajustada para cima, as perspectivas continuam apontando para estoques bastante folgados, em 17,42 milhões de toneladas”, explica a analista Ana Luiza Lodi, da INTL FCStone.

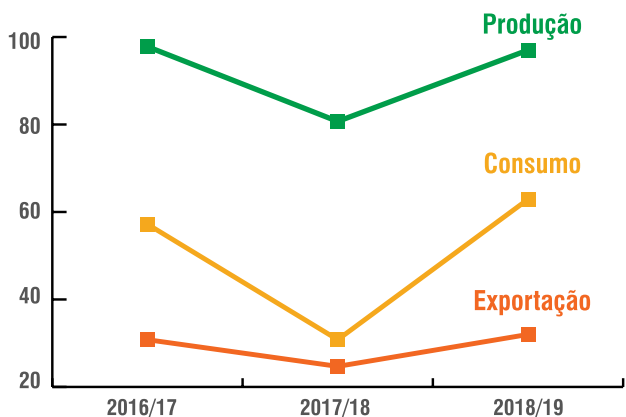
A gangorra do milho

Maiores preços do milho nos últimos anos (US\$ por bushel)



Fonte: CBOT | Elaboração: DTE/Sistema FAEP/SENAR-PR

Os números do milho brasileiro nas últimas três safras (milhões de toneladas)



Fonte: Conab | Elaboração: DTE/Sistema FAEP/SENAR-PR

Peste suína

O analista Paulo Molinari, da Safras & Mercado, lembra que alguns países da Ásia, como a China e o Vietnã, estão abatendo milhões de suínos para controlar surtos de Peste Suína Africana. “Essa situação tem efeito no mercado de grãos. Um é que, com o abate de milhões de cabeças de suínos, milhões de consumidores a menos de milho e farelo de soja. A China é o segundo maior produtor de milho do mundo, mas o Vietnã, por exemplo, é segundo maior importador de milho do Brasil”, revela. “Portanto, somente o Vietnã já tem um efeito negativo do ponto de vista de demanda asiática de grãos”, enfatiza.

Outra questão importante, para Molinari, é o efeito para os exportadores de carne suína. “O Brasil e os EUA estão vendendo bastante para a China, que só não está comprando mais carne suína norte-americana por conta da tarifa [Guerra Comercial]. Se tirar, os EUA entopem a China de carne suína. Se o Brasil colocar matriz agora, esse investimento vai virar carne daqui a dois anos. O que pode ocorrer num prazo menor no Brasil é que se deixe o suíno ganhar um pouco mais de peso, em vez de 100 quilos abater com 120 quilos, pode proporcionar um certo aumento no consumo interno”, analisa.



Requisitos para importação de bovinos do Mercosul

Regras foram estabelecidas para animais comercializados para abate imediato e engorda

Por meio de Instruções Normativas (INs) publicadas em julho, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) estabeleceu os requisitos para a importação de bovinos e bubalinos de países que integram o Mercosul. Foram afixadas regras tanto para animais adquiridos para abate imediato quanto para gado de engorda. O Mapa também aprofundou as exigências para a importação de sêmen congelado.

“As novas normas trazem a harmonização dos requisitos sanitários entre os países membros do Mercosul, seguindo os preceitos internacionais estabelecidos pelo Código Sanitário de Animais Terrestres, da OIE [Organização Mundial de Sanidade Animal]”, aponta o zootecnista do Sistema FAEP/SENAR-PR Guilherme Souza Dias. “Essa medida é fundamental para o fortalecimento das relações comerciais não somente com nossos vizinhos, mas também com a Europa, tendo em vista a assinatura do acordo de livre comércio”, acrescenta.

No caso da importação de animais para abate imedia-

to, as regras constam da IN 18/2019. A norma estabelece a obrigatoriedade de o exportador apresentar Certificado Veterinário Internacional (CVI) do gado, emitido pela autoridade veterinária do país exportador. O documento deve ser emitido em até cinco dias antes do embarque certificando que o vendedor cumpriu todos os requisitos zoonosológicos.

Caso o país exportador seja considerado área livre de febre aftosa [com ou sem vacinação], o vendedor fica liberado de apresentar provas diagnósticas ou de vacinação do gado. Caso não haja esse reconhecimento internacional, o importador poderá solicitar provas sanitárias adicionais dos animais.

Além disso, as novas normas estabelecem ainda a realização de inspeção do gado no momento no embarque e no porto de saída do país exportador. Outro ponto estabelecido é que os animais comercializados deverão permanecer no país exportador por um período de pelo menos 90 dias antes do embarque.



Programa Empreendedor Rural

Para a engorda

No caso de bovinos e bubalinos destinados à engorda, o exportador também terá que apresentar o CVI, mas dentro de um prazo de dez dias antes do embarque. A IN 19/2019 estabelece a obrigatoriedade de inspeções no ato do embarque dos animais e determina que o exportador ofereça “informações que permitam avaliar o cumprimento das exigências de rastreabilidade” por parte do importador.

Os animais a serem exportados terão que ter permanecido em quarentena em estabelecimento aprovado, supervisionado pela autoridade veterinária, por um período mínimo de 30 dias. No caso de controle da febre aftosa, as regras são as mesmas previstas para os bovinos e bubalinos exportados para abate imediato.

Sêmen

Outra publicação, a IN 20/2019 adicionou exigências para a importação de sêmen de bovinos e bubalinos, acrescentando requisitos relacionados à questão sanitária, como forma de garantir que o gado importado não tenha sido contaminado por doenças. No caso de uma delas – a pleuropneumonia contagiosa bovina – o estabelecimento exportador deve cumprir o que determina o Código Terrestre da OIE.

No que diz respeito à dermatose nodular contagiosa, a nova norma específica que os animais de quem se recolheram o sêmen devem ter sido vacinados regularmente contra a doença e que a última dose tenha sido aplicada dentro de 60 dias antes da coleta. Os bovinos e bubalinos também deverão passar por testes que provem negativo para a dermatose nodular contagiosa e *Polymer Chain Reaction* (PCR).

Há quase 16 anos, o Programa Empreendedor Rural (PER) ganhava destaque na capa da edição 800 do Boletim Informativo. Tratava-se da primeira edição da iniciativa, que se consolidou como um dos principais programas desenvolvidos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, por meio de parcerias com outras entidades, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PR).

E o PER já nascia grande. O encerramento daquele ano reuniu 1,8 mil pessoas em um megaevento realizado no Expotrade, na Região Metropolitana de Curitiba. Na programação, destaque para o então ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, que fez uma palestra aos agropecuaristas paranaenses. Nesta primeira edição, o PER somou mais de 2 mil participantes, divididos em 106 turmas, espalhadas por todas as regiões do Paraná. No encerramento, 24 projetos foram premiados.

Hoje, os resultados do PER alcançam dimensões colossais. Ao longo das 16 edições, o programa já formou mais de 28 mil agropecuaristas em todo o Paraná. No ano passado, mais de 4,5 mil pessoas participaram do evento de encerramento. Para 2019, o programa vem com novidades: além de ter passado por uma reformulação metodológica conduzida por um grupo de seis especialistas, alunos de dez turmas-piloto estão recebendo o material didático exclusivamente em *tablets*, em formato 100% digital.



CAMPINA DA LAGOA

CASQUEAMENTO DE BOVINOS

Nos dias 7 e 8 de maio, aconteceu o curso “Trabalhador na Bovinocultura de Leite - Casqueamento de Bovinos de Leite”, promovido pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa. Na ocasião, o instrutor Thiago Prado Bardy treinou 10 pessoas.



PALOTINA

OPERAÇÃO DE GUINCHOS

O Sindicato Rural de Palotina organizou o curso “Trabalhador na Operação de Guinchos - Caminhão Munck - NR 31.12”. Entre os dias 6 e 10 de maio, nove alunos participaram das aulas com o instrutor Bruno Bove Vieira.



MARINGÁ

OPERAÇÃO DE DRONES

Durante a Expoingá 2019, que ocorreu nos dias 13, 14 e 15 de maio, o instrutor Mauro Cesar Volponi dos Santos realizou o curso “Trabalhador Volante da Agricultura - Agricultura de Precisão - Operação de Drones”. A capacitação organizada pelo Sindicato Rural de Maringá atendeu oito pessoas.



CAMPO MOURÃO

CONDUTORES DE VEÍCULOS

O Sindicato Rural de Campo Mourão, Detran-PR e a agropecuária Ipê promoveram o curso “Condutores de Veículos - Movimentação e Operação de Produtos Perigosos (MOPP)”, entre os dias 17 e 21 de junho. O instrutor Aparecido Vieira treinou 27 pessoas.



PORECATU

INTRODUÇÃO A INFORMÁTICA

Um grupo de 11 pessoas participou do curso “Programa de Inclusão Digital - Introdução a Informática”, organizado pelo Sindicato Rural de Porecatu. O instrutor Thiago Eiras Fernandes da Silva ministrou as aulas entre os dias 10 e 24 de junho.



CASCVEL

CULTIVO EM SUBSTRATO

O instrutor Solivan Rosanelli ministrou aulas a 11 pessoas durante o curso “Trabalhador no Cultivo de Espécies Frutíferas Rasteiras - Morangueiro - Cultivo em Substrato”. A capacitação organizada pelo Sindicato Rural de Cascavel e a empresa Agrotec ocorreu entre os dias 3 e 25 de junho.



IMBITUVA

BÁSICO EM MANDIOCA

O Sindicato Rural de Imbituva promoveu o curso “Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca - Básico em Mandioca”, nos dias 26 e 27 de junho. O instrutor Frederico Leoneo Mahnic treinou nove pessoas.



JAPURÁ

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Japurá e Cocamar organizaram o curso “Trabalhador Volante da Agricultura - Aplicação de Agrotóxicos - NR 31.8”. O instrutor Sérgio Takashi Noguchi capacitou 15 alunos entre os dias 24 e 26 de junho.

VIA RÁPIDA



Mandioca no tanque

A raiz tão brasileira contém uma quantidade alta de amido, que pode ser quebrada em glicose, e consequentemente transformada em etanol. O açúcar da mandioca produz mais álcool que o da cana-de-açúcar, tornando-a uma aliada na produção de etanol.

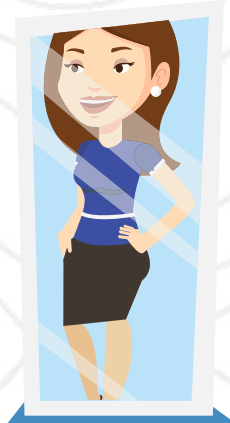
Bonita, mas nem tanto

A mamãe estava sempre em frente ao espelho, passando sua maquiagem diária. Um dia, seu filho, muito curioso, pergunta:

- Mamãe, por que a senhora fica em frente ao espelho todos os dias passando essas coisas todas na cara?

A mamãe, por sua vez, respondeu:
- É para ficar mais bonita, meu filho.

Aí o filho perguntou:
- Mas por que que não fica?



Volume máximo

Cientistas da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, inventaram um acelerador de partículas tão potente e ruidoso que o barulho fornece energia para fazer um jato de água mudar de estado físico instantaneamente. O som chega a 270 decibéis, o suficiente para rasgar até as células do coração e do pulmão.



Efeitos do álcool

Todo mundo, em algum momento, já escutou que o álcool é capaz de matar milhares de neurônios após o consumo. O que realmente acontece é a falha de transmissão de informação entre os neurônios, causando os efeitos colaterais conhecidos, mas não causa a morte da célula. Porém, um alcoólatra pode desenvolver uma doença chamada Síndrome de Wernicke-Korsakof, que destrói as células nervosas, não por causa do álcool em si, mas pela falta de vitaminas causadas pelo alcoolismo. Portanto, se for beber, faça com moderação.

Nuvens Noctilucentes

No hemisfério Norte é comum uma nuvem específica, que se forma a grandes alturas na atmosfera no entardecer. As chamadas nuvens noctilucentes são tão altas no céu, que o Sol ainda as ilumina a noite, enfeitando o céu.



Sessão lotada

A maior sessão de cinema do mundo aconteceu no Brasil, e foi parar no Livro dos Recordes em 2010. A sessão exibiu o documentário “Absoluto”, que fala sobre a conquista do título da Copa Libertadores pelo Internacional em 2006 e 2010. O filme foi exibido para um público de exatas 27.022 pessoas no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.



Escritura do Sol

Já pensou em ser dono de um lote do Sol? A espanhola Maria Angeles Duran pode providenciar isso, já que alega ser a dona do astro. Ela até registrou a propriedade em cartório. Depois disso, começou a comercializar certificados de propriedade no eBay, que a expulsou da plataforma por vender algo que não existe! Em 2010, o caso foi parar na justiça. Mesmo assim, ela continua vendendo seus certificados em seu próprio site.



UMA SIMPLES FOTO

Faça o teste

Quando estiver entre amigos, repare que, após uma piada ou uma história divertida, sem perceber as pessoas olham para quem mais gostam. Faça o teste!



ITR 2019

Imposto sobre a propriedade Territorial Rural

PRAZO PARA ENTREGA

30 DE SETEMBRO

FAÇA SUA DECLARAÇÃO DO ITR NO SINDICATO RURAL



É FÁCIL, RÁPIDO E SEGURO.
Sem a declaração do ITR, o produtor não obtém a Certidão Negativa de Débito.

**Facilite o trabalho. Leve com você a declaração do ano passado.*

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

